

[informe)ieb

n. 21

ISSN: 2763-7727

[

)
| [)
| [)

Instituto de
Estudos
Brasileiros



)

[editorial)

É com grande satisfação que apresento o número 21 do *Informe IEB*. Na atual edição, três contribuições destacam a importância e o impacto da realização, no Instituto, da Escola São Paulo de Ciência Avançada (ESPCA) Modernismo: Disputas em torno do Moderno e de Projetos de Nação. Outros três textos têm nos acervos seu foco central, seja no tangente às práticas de conservação, seja nas atividades de cunho formativo. A contribuição final vem do Educativo do Instituto.

A ESPCA Modernismo: Disputas em torno do Moderno e de Projetos de Nação, ocorrida no IEB entre 3 e 7 de julho de 2023 e subvencionada pela Fapesp, foi exemplarmente coordenada pelo prof. Marcos Antonio de Moraes, cujo texto abre esta edição. Como informa o professor, o evento, eminentemente interdisciplinar, contou com 86 participantes (de mestres/as a pós-doutorandos/as) de diversas partes do país e 11 professores/as, do Brasil e do exterior. Ao longo de cinco dias, em conferências, palestras e comunicações, fez-se um balanço crítico do modernismo no Brasil, tendo como eixos a política, artes e literatura, educação e cultura.

O evento é também o mote da contribuição da professora Ana Paula Simioni. Em sua participação na ESPCA, ela apresen-

to as ideias centrais de seu livro recém-publicado, resultante de tese de livre-docência defendida no IEB. Em *Mulheres modernistas: estratégias de consagração da arte brasileira*, a professora aborda o protagonismo feminino, contrapondo a especificidade do caso brasileiro às experiências internacionais. Flavio Pessoa narra, em seguida, sua experiência na ESPCA, para a qual foi um dos selecionados. Doutor em Artes Visuais e ilustrador, além de participar das várias atividades previstas, ele produziu registros gráficos do evento, projetados no encerramento e gentilmente cedidos para publicação neste informe.

Os acervos tornam-se então o tema principal dos três textos seguintes. Mônica Ap. Guilherme da Silva Bento narra a importante parceria do IEB com o IPEN, que, há quase duas décadas, permite ao Instituto a incorporação segura de novos acervos. Tal parceria viabilizou o processo de radiação ionizante por cobalto 60 de livros, documentos e objetos, um método eficiente e rápido de desinfestação e desinfecção em larga escala, realizada no irradiador multipropósito do Ceter/IPEN.

Caetana Britto e Leandro Melo, coordenadores técnicos do Projeto Manoel Correia de Andrade, apresentam um breve relato das ações e desafios para a conser-

vação preventiva de um acervo de mais de 70 mil itens doados ao IEB pela família do intelectual pernambucano. Ressaltam a importância do trabalho conjunto da equipe, necessariamente interdisciplinar, na elaboração de fluxos de trabalho, ferramentas e protocolos de conservação e segurança.

A edição de inverno do Curso de Formação Básica do Arquivo do IEB é o tema do texto de Elisabete Marin Ribas e das estagiárias Leticia Cescon da Rosa e Tatiane Sayuri Ogawa. O tradicional curso, que tem como temas centrais a memória e o patrimônio cultural, contemplou, nessa edição, dois módulos: um primeiro, de aulas teóricas, ministradas pela equipe do Arquivo e por professores convidados, nas dependências do IEB, e um segundo, de passeios culturais, percorrendo áreas e instituições da cidade de São Paulo.

O *Informe IEB* se encerra com texto de Elly Roza Ferrari sobre as atividades de extensão realizadas pelo Educativo do Instituto no primeiro semestre de 2023, trazendo informações sobre trabalhos, palestras e oficinas efetuadas dentro e fora da Universidade.

Monica Duarte Dantas
Diretora – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-1031-9408>

[informe)ieb

Publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, o *Informe IEB* é um boletim de acesso aberto que divulga atividades realizadas pelo Instituto e notícias ou temas relacionados a ele. Trata-se de um canal de interação entre a direção e a sociedade. Editado desde 2016, além dos textos definidos pela direção, incentiva o envio de sugestões de pauta e de textos pelos funcionários, docentes e colaboradores. São três números anuais, divulgados em janeiro, maio e setembro.

SETEMBRO/ 2023

Universidade de São Paulo

Prof. dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior (reitor)
Profa. dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda (vice-reitora)

Instituto de Estudos Brasileiros

Profa. dra. Monica Duarte Dantas (diretora)
Profa. dra. Luciana Suarez Galvão (vice-diretora)

Editor responsável

Pedro B. de Meneses Bolle
(chefe técnico de divisão)

Editores-executivos

Maria Izilda Claro do Nascimento F. Leitão
(supervisora técnica de serviço)

Produção

Cleusa Conte Machado
(preparação e revisão de textos)
Flavio Alves Machado
(diagramação)



Uma publicação da Divisão de Apoio e Divulgação



Normas para publicação

Os critérios e normas para publicação estão disponíveis em: www.ieb.usp.br/informe

Contato
Instituto de Estudos Brasileiros – Informe IEB
Espaço Brasiliana
Av. Prof. Luciano Gualberto, 78 - sala 13
Cidade Universitária - 05508-010 - São Paulo – SP

Sugestões de pauta podem ser enviadas para:
informeieb@usp.br



Visite nossas mídias em: www.ieb.usp.br/midias

[projeto de nação]



Balanço crítico do modernismo

Entre 3 e 7 de julho, o Instituto de Estudos Brasileiros sediou a Escola São Paulo de Ciência Avançada – Modernismo: Disputas em torno do Moderno e de Projetos de Nação, subvencionada pela Fapesp. O evento científico recebeu o apoio da Reitoria da Universidade de São Paulo, do Cinusp, do MAC/USP, da Edusp e do SESC/SP.

O encontro se propôs a cumprir um abrangente e denso balanço crítico do modernismo no Brasil, suscitado pelo centenário da Semana de Arte Moderna de 1922. Buscou refletir, particularmente, sobre as ambiguidades e disputas em torno do moderno e do modernismo no nosso país, à luz do contexto histórico. Ao iluminar os projetos de nação em litígio no começo do século XX e os muitos significados do moderno, afastaram-se explicações homogêneas e superficiais que consagram polarizações em lugar de enredamentos múltiplos e dimensões entrecruzadas por aproximações interdisciplinares. A reunião foi organizada em torno de quatro módulos: política, artes e literatura, educação e cultura(s).

A Escola São Paulo – Modernismo congregou 86 participantes de diversas áreas do conhecimento nas humanidades – mestres/as, doutorandas/os, doutores/as e pós-doutorandas/os, provenientes de todas as regiões do país – e 11 professores/as vinculados/as ao projeto, compondo a malha interdisciplinar: Ana Paula Cavalcanti Simioni (IEB/USP), Carlos Sandroni (UFPE), Cynthia Greive Veiga (UFMG), Diana Gonçalves Vidal (FE/USP), Felipe Chaimovich (livre-docente, MAC/USP), Flávia Camargo Toni (IEB/USP), Leandro Pasini (Unifesp), Ligia Fonseca Ferreira (Unifesp), Marcos

Antonio de Moraes (IEB/USP), Pedro Meira Monteiro (Universidade de Princeton, Estados Unidos) e Rafael Cardoso (Universidade Livre de Berlim). Ampliaram os debates as palestras dos professores Luiz Armando Bagolin (IEB/USP), Paulo de Tarso Salles (ECA/USP), Patrícia Raffaini (doutora, FFLCH/USP), Tadeu Chiarelli (ECA/USP) e Walter Garcia (IEB/USP).

Telê Ancona Lopez, professora emérita do IEB/USP, na saudação encaminhada aos participantes, validou a importância do encontro, considerando que “o modernismo brasileiro, na chave da modernidade, pede reflexões atentas ao singular, ao particular e ao universal, considerando a Vida e a História do homem, a liberdade. E a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade nos distanciamentos e aproximações, usando aqui palavras do Mário de Andrade. Essa investigação, para ser verdadeira e atual, deve conter, simultânea, a investigação do nosso desejo. Assim, o avançar das descobertas das nossas pesquisas e das nossas cogitações respeitará o distanciamento histórico, sem incorrer em anacronismos, sem se desfigurar no entusiasmo das nossas projeções, no wishful thinking que nos precipita no decreto e no dogma, em comportamentos incompatíveis com o século XXI, como regular leituras ou tirar livros das bibliotecas, ao modo dos nazistas”.

O participante da Escola São Paulo, ao chegar às instalações do IEB, no Espaço Brasileira da USP, se deparou com o extenso painel colado na parede de vidro. O painel ambicionou provocar uma leitura crítica do modernismo. A concepção artística da arquiteta Bianca Dettino, responsável pelo setor de Coleção de Artes Visuais do IEB, valeu-se de telas preservadas na Coleção Mário de Andrade (Cícero Dias, Anita Malfatti, Portinari, Ismael Nery e Pedro Nava). Almejou uma leitura problematizadora da realidade nacional, do século XX até a atualidade. Refutando percepções idealizadas, falseadoras ou ingênuas, as imagens em tons ocre-vermelho-terrosos, encadeadas

narrativamente de modo original, impuseram uma fecunda leitura do modernismo à luz da história do Brasil (e de seus diversos projetos de nação), evidenciando, em termos alegóricos, avanços e retrocessos, conquistas e lutos coletivos, trama de que nos constituímos enquanto nação e de que somos (para o bem e para o mal) o resultado.

Durante o encontro, o professor e cineasta Carlos Augusto Calil debruçou-se sobre o importante documentário de sua autoria *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francês Blaise Cendrars* (1972). A diretora do MAC/USP, professora Ana Magalhães, ofereceu uma enriquecedora visita guiada à instituição.

As conferências, palestras e comunicações difundidas no evento ofereceram um instigante mapa das linhas de força interpretativas da história do modernismo brasileiro. Mostraram que as novas abordagens do tema pretendem trocar o foco único pela multifocalidade; recusam apriorismos ou viesamentos interpretativos; buscam superar formulações hegemônicas e problematizar o cânone; desejam substituir a disciplinaridade pela interdisciplinaridade; consideram o compromisso de ampliar as fontes de pesquisa; de valorizar o ensaísmo e performance; de tomar a obra de arte, ela própria, como forma de conhecimento da realidade; etc.

A reunião acadêmica foi coordenada pelo professor Marcos Antonio de Moraes; atuaram nas Comissões Científica e Organizadora as professoras Diana Gonçalves Vidal e Flávia Camargo Toni. A programação e os documentos relativos à Escola São Paulo de Ciência Avançada – Modernismo: Disputas em torno do Moderno e de Projetos de Nação podem ser consultados em <https://sites.usp.br/ieb-espca-modernismo/>.

Marcos Antonio de Moraes
Docente – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

[mulheres artistas)

Mulheres modernistas no Brasil

Professora do Instituto de Estudos Brasileiros, participei da Escola São Paulo de Ciência Avançada – Modernismo: Disputas em torno do Moderno e de Projetos de Nação – parceria entre o IEB e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – apresentando ideias centrais de meu livro *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira*, publicado pela Edusp (com apoio da Fapesp) em 2022. A obra resulta de tese de livre-docência defendida no IEB em 2018. Diferindo da maior parte das experiências modernistas internacionais, em que o protagonismo artístico é geralmente atribuído a figuras masculinas, no Brasil Anita Malfatti e Tarsila do Amaral se notabilizaram como grandes pioneiras e foram reconhecidas por seus pares. Esse protagonismo feminino é algo bastante singular e interpela as metodologias e postulados usuais da historiografia da arte modernista.

Desde o célebre ensaio de Linda Nochlin, "Por que não houve grandes mulheres artistas?" ("Why have there been no great women artists?"), publicado na revista

ARTnews, nos Estados Unidos, em janeiro de 1971, os estudos feministas vêm discutindo os diversos motivos pelos quais as mulheres artistas foram tão pouco reconhecidas pela historiografia. Isso é válido, inclusive no caso brasileiro, para as artistas vinculadas aos sistemas acadêmicos, em particular ao longo do século XIX. Mas, mesmo com os modernismos, tende-se no plano internacional a construir narrativas nas quais elas sejam ora totalmente excluídas, ora menorizadas (vistas como alunas, musas ou amantes dos grandes artistas-homens). Em grande parte, isso advém do modo como as narrativas modernistas tenderam a valorizar não apenas obras, mas estilos de vida,

calcados em mitologias genericadas. Um exemplo é a própria imagem do *flâneur*, desenvolvida por Charles Baudelaire (*As flores do mal*. Edição bilíngue. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985), calcada num privilégio de trânsito pela cidade moderna que seria dificilmente acessível às mulheres oitocentistas, como já bem demonstraram Griselda Pollock (*Vision and difference: femininity, feminism and the histories of art*. London/Nova York: Routledge, 1988) e Janet Wolff (*The social production of art*. London: Macmillan, 1981).

Acrescenta-se, ainda, outro elemento, a saber, o modo como as representações de nus femininos, ao menos desde *Olympia*, de Manet, se tornaram espaços centrais para a afirmação de sujeitos masculinos como artistas modernos. Quando se imagina que as academias de arte só permitiram que as mulheres se formassem artistas (acadêmicas) em finais do século XIX, e a partir de então tivessem acesso ao modelo vivo, superando portanto essa interdição de base, é possível imaginar que elas estariam aptas a explorar os nus femininos nos termos de Gauguin, Picasso, Schiele, Klimt, entre tantos outros? No evento foi proposta a reflexão sobre o quanto essa dimensão erótica das telas, identificada como um elemento central

de modernidade para tais artistas, seria dificilmente tolerável e muito menos ainda louvada caso as obras fossem assinadas por mulheres.

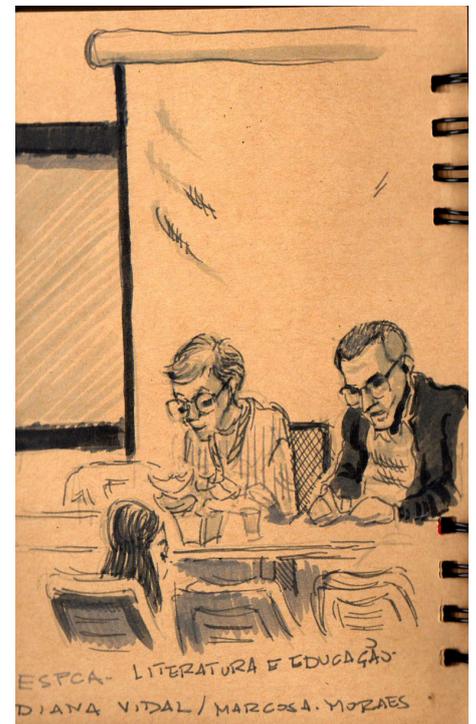
Foi retomada então a particularidade do caso brasileiro, pois, se tais elementos, entre outros, explicam o lugar marginal que as mulheres ocupavam antes da revisão provocada pelos estudos de gênero no modernismo internacional, o mesmo não se aplica ao Brasil. Anita foi e é reconhecida como introdutora da arte moderna no país, algo muito raro, e Tarsila do Amaral é uma das artistas brasileiras mais reconhecidas nacional e internacionalmente. O processo de reconhecimento dessas artistas não foi homogêneo, mas assim sujeito a oscilações históricas. De centrais nos anos 1910 e 1920, foram relativamente marginalizadas durante o Estado Novo, para serem reconstruídas, ao longo dos anos autoritários, e especialmente em 1972, com os 50 anos da Semana de 1922, como figuras míticas.

O sucesso de tais artistas não se deu "a despeito" de serem mulheres, ao contrário, são casos de um reconhecimento genericado. As três artistas centrais no livro *Mulheres modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira* foram unidas pelas narrativas modernistas a ocuparem lugares simbólicos reiterativos de certos padrões de feminilidade, a saber: o de musa, no caso de Tarsila do Amaral, o de mártir, no caso de Anita Malfatti, e, em contraponto com uma artista menos reconhecida, o de esposa colaboradora, no caso de Regina Gomide Graz.

Ana Paula Cavalcanti Simioni
Docente – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-9305-6139>

O livro apresenta um olhar sobre a inserção de mulheres artistas no circuito modernista



[design)

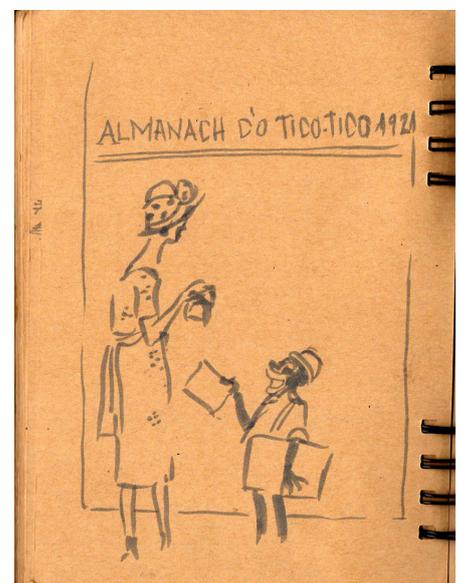
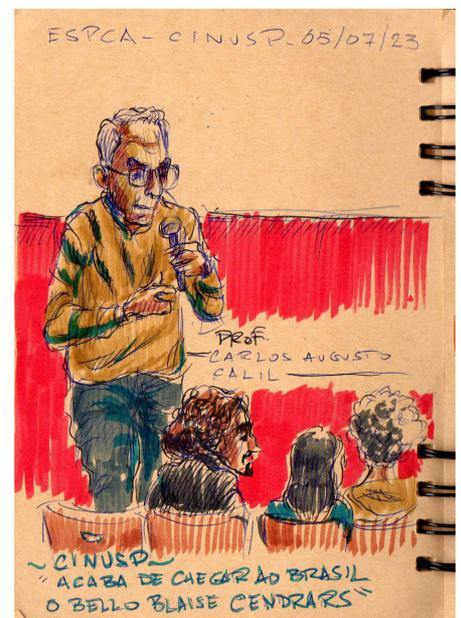
Desenhando a Escola São Paulo de Ciência Avançada

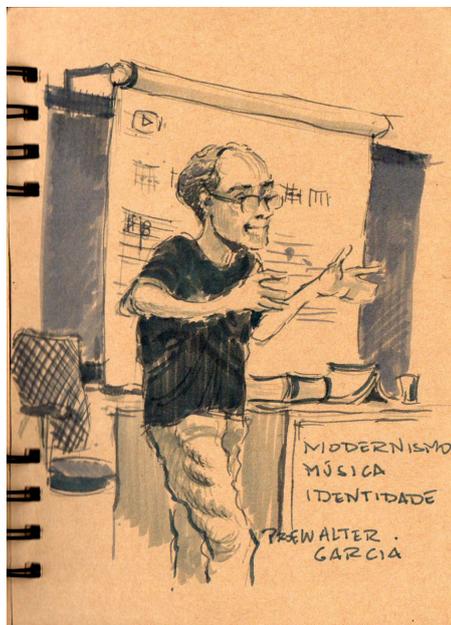
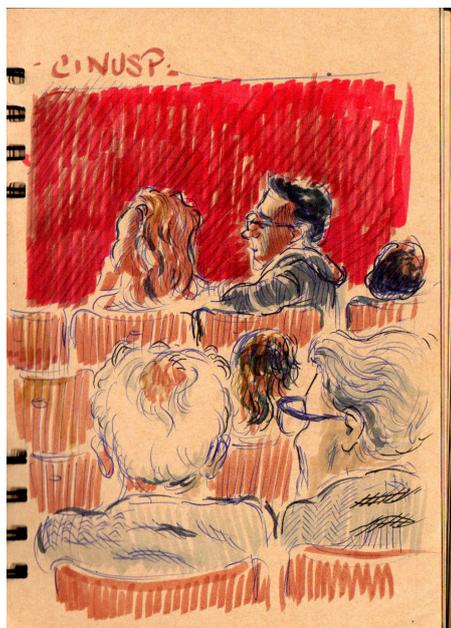
Ser selecionado para participar da Escola São Paulo de Ciência Avançada (ESPCA) – Modernismo: Disputas em torno do Moderno e de Projetos de Nação, organizada pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), foi um privilégio que me proporcionou a experiência mais expressiva de minha trajetória acadêmica.

Formado em design gráfico, dediquei minha vida profissional à arte da ilustração. Paralelamente, descobri também o prazer de compartilhar experiências através da prática de ensino. Esse desejo me conduziu pela pesquisa acadêmica, em busca dos títulos de mestrado e doutorado, que alcancei me dedicando à história da ilustração no Brasil. Estudar os mais variados estilos e técnicas do passado me levou a procurar compreender seus contextos históricos, a refletir sobre questões estéticas, iconológicas, sociológicas e historiográficas.

Em 2021, defendi, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), minha tese de doutorado – *Representações do povo na Careta e n'O Malho: identidade nacional na Primeira República (1902-1929)* –, que investigava as representações caricaturais do povo brasileiro e de símbolos de identidade nacional. Em 2023, foi uma enorme satisfação descobrir que a ESPCA seria organizada pelo IEB, com o tema sobre as disputas do moderno e projetos de nação.

Por conta de minha atuação como ilustrador, passei a participar e a atuar também na coordenação do Urban Sketchers Rio de Janeiro, uma comunidade de desenhistas de locação, que se reúne quinzenalmente em diferentes pontos da cidade para desenhar juntos e compartilhar o resultado nas redes sociais. A participação frequente nesses encontros nos estimula a andar sempre munidos de um caderno de desenhos, lápis e canetas. Ciente da extensa programação da ESPCA, eu sabia que essa seria uma rara oportunidade para aprofundar e alargar meus conhecimentos teóricos sobre a experiência modernista brasileira, como também para praticar, produzir e compartilhar meus registros gráficos desse evento tão espe-





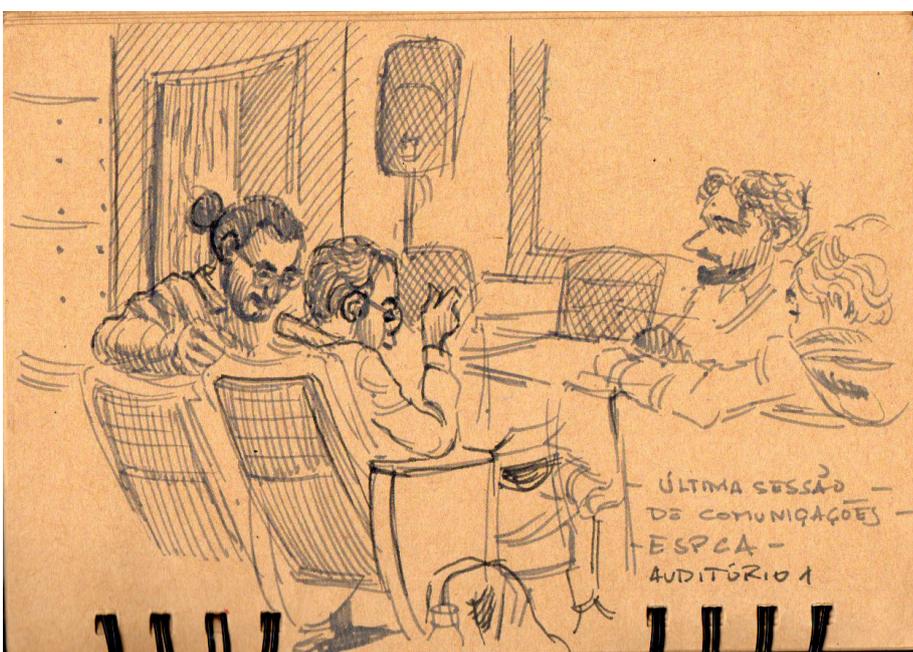
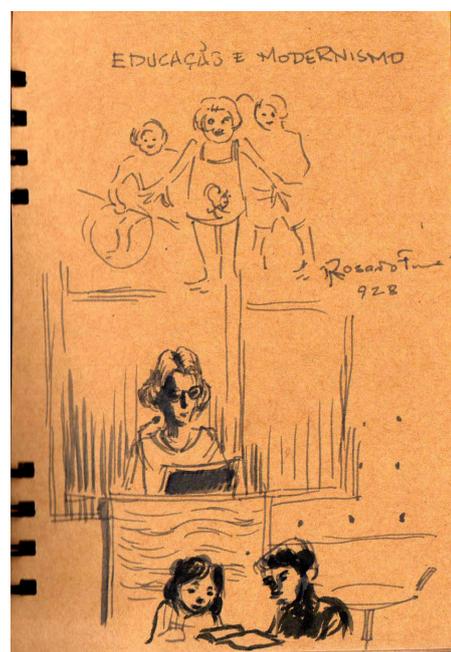
cial. Entre palestras de pesquisadores da maior relevância, farta oferta de apresentações de comunicações, visita guiada ao Museu de Arte Contemporânea (MAC) e ao rico acervo artístico, literário e iconográfico da instituição, procurei registrar o máximo que pude.

A gentil e calorosa acolhida que recebi por esses registros me proporcionou novas e agradáveis surpresas. A projeção de meus desenhos na solenidade de encerramento do evento, o pedido de autorização, prontamente aceito, para publicar esses desenhos no *Informe IEB*, bem como a solicitação deste texto que você está lendo – tudo foi mais uma imensa felicidade. Uma honraria que guardarei

para sempre, com carinho, estima e gratidão. Ao IEB, aos professores e pesquisadores responsáveis, aos colegas que compartilharam esses momentos, que me serviram de modelo ou que demonstraram interesse pelos meus registros, meu muito obrigado! Espero estar com vocês em novos encontros, em novas semanas, em novos desenhos.

Para conhecer outros trabalhos, é só acessar <https://www.flaviopessoailustra.com.br>.

Flavio Pessoa
Ilustrador, doutor em Artes Visuais – UFRJ
Professor substituto de desenho artístico – EBA/UFRJ
<https://orcid.org/0000-0001-6157-1702>



[preservação)

A radiação ionizante utilizada na preservação de bens culturais

O IEB, conforme consta em seu estatuto (disponível em <http://e.usp.br/ow8>), "tem por finalidade a pesquisa da cultura brasileira em seus múltiplos aspectos, oferecendo de forma multidisciplinar ensino, pesquisa e extensão". Para cumprir seu objetivo, o Instituto deve "preservar, organizar e divulgar seu acervo, colocando-o a serviço da atividade de pesquisa e da coletividade".

Tendo sob sua responsabilidade esse patrimônio cultural, o IEB elabora diretrizes ligadas à salvaguarda e organização desses bens, assim como estabelece critérios e procedimentos relativos à política de ampliação do acervo.

O processo de recepção de novos itens é sempre uma das principais preocupações do corpo técnico envolvido no tratamento

das aquisições, pois, além de assegurar a integridade do acervo, prioriza a saúde da equipe técnica que realizará as primeiras ações de higienização e organização dos documentos, livros e objetos recém-incorporados.

As características dos materiais recebidos e tratados pelo IEB são bastante peculiares: muitos sofreram algum tipo de acidente com água ou fogo, outros, devido ao longo tempo guardados em locais impróprios (sem controle de temperatura ou umidade), acumulam sujidade e, muitas vezes, sem que se perceba, são atacados por insetos xilófagos ou roedores. Toda a massa documental que não recebe o tratamento adequado de preservação pode conter diversos problemas, como fungos, bactérias e outras moléstias, podendo causar diversos problemas à saúde de quem os manuseia.

A fim de assegurar a preservação dos bens culturais, algumas técnicas foram aplicadas por determinado período em acervos de diversas instituições para neutralizar o problema da contaminação, porém, algumas dessas não produziram o efeito desejado, como o caso dos pesticidas utilizados para disseminar cupins, brocas, traças e outros insetos, que deixa-

vam efeito residual nos documentos, além de apresentar alto risco à saúde das pessoas que entraram em contato com eles.

Outro procedimento, como a desinfestação por congelamento, também possui alguns empecilhos, pois a logística para obter uma câmara fria compatível com a quantidade de acervos inviabiliza o tratamento, além de não garantir a eliminação total dos fungos ou insetos, causando muitas vezes apenas a dormência desses seres vivos. Outra técnica utilizada até o momento por algumas instituições é a desinfestação por atmosfera anóxica, mas o processo é lento, além de ter alto custo. Utilizava-se também desinfecção com ortofenilfenol diluído em etanol a 70%, porém, o tratamento exigia que a pulverização fosse realizada folha a folha, inviabilizando seu uso em casos que necessitassem de tratamento em curto espaço de tempo. Com o passar dos anos, novas tecnologias foram sendo desenvolvidas ou aprimoradas para serem aplicadas na preservação de bens culturais.

O desafio do IEB

Em 2005, o IEB recebeu a missão de salvaguardar, em caráter provisório, parte de um importante acervo instalado em um galpão que havia acabado de sofrer

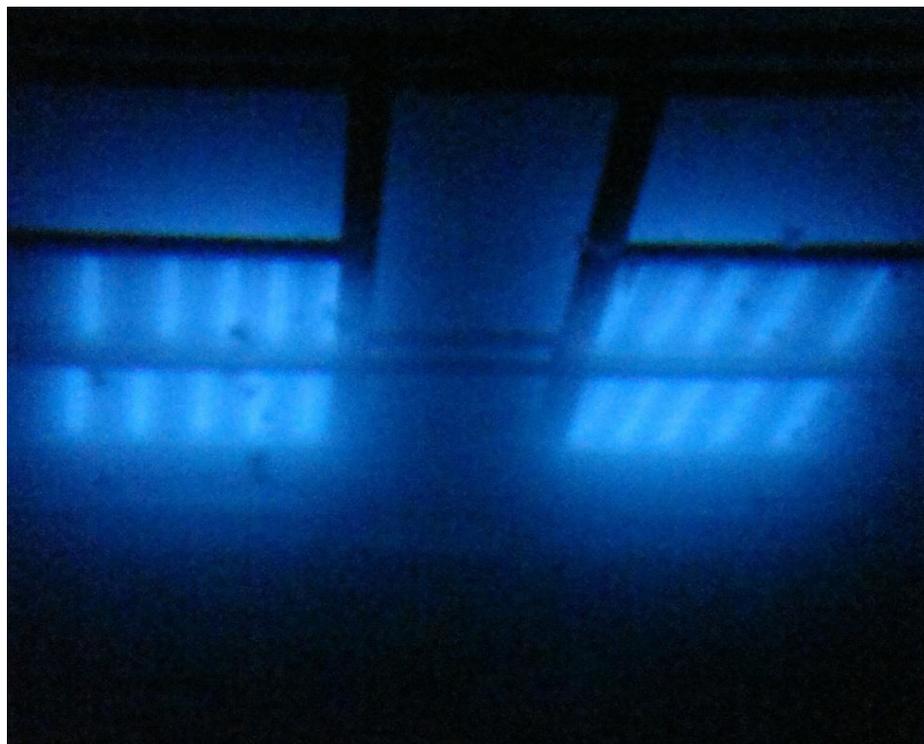
IPEN – Irradiador multipropósito de cobalto 60. Foto: Plataforma Nacional de Infraestrutura de Pesquisa (PNIPE/MCTI)



uma trágica inundação causada por fortes chuvas ocorridas naquele ano. A principal preocupação do corpo técnico envolvido no resgate do material era o acelerado estado de degradação das obras devido ao tempo que permaneceram molhadas e sem nenhum tipo de controle de umidade relativa e temperatura, pois o local ficou por longo período sem energia elétrica e lacrado, aguardando autorização para a retirada e tratamento das peças. Além da preocupação com o surgimento de micro-organismos, havia a preocupação também com a saúde dos técnicos que manipulariam o acervo contaminado. Durante dias as equipes, utilizando os equipamentos de proteção individual (EPIs), realizaram o levantamento das obras, além do acondicionamento e do transporte dos itens destinados à guarda provisória do Instituto, tomando as providências necessárias para que tudo fosse isolado em sala de quarentena, evitando o contato com outros fundos e coleções.

Para interromper a contaminação do acervo e estabilizar sua deterioração, era preciso utilizar metodologia rápida e eficiente. Portanto, todas as alternativas citadas anteriormente foram descartadas devido ao longo tempo necessário para o tratamento. Nos estudos realizados foi constatada a necessidade de um método de tratamento urgente devido ao avançado estado de deterioração do acervo. Sendo assim, era preciso um método eficiente e rápido que possibilitasse a desinfestação e a desinfecção em grande escala, sem causar nenhum risco à integridade do material e dos técnicos durante o manuseio.

As equipes que participaram do salvamento em caráter emergencial eram formadas por especialistas e alunos que estagiavam na área de conservação preventiva de acervos. Parcerias entre unidades da USP envolvendo restauradores, físicos e químicos foram estabelecidas, assim como com o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares da Comissão Nacional de Energia Nuclear (IPEN-CNEN), que é pioneiro na aplicação da técnica de radiação ionizante na conservação de bens culturais. O contato foi realizado com o dr. Paulo Roberto Rela, tecnólogo sênior do IPEN-CNEN, que, após estudos e experiências prévias de desinfestação e desinfecção de bens culturais feitos em madeira e papel, optou por utilizar no tratamento desse acervo a radiação gama, procedimento que foi realizado no Centro de Tecnologia das Radiações (Ceter) do IPEN-CNEN. Na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* n. 46, de 2008, em texto assinado por Paulo Roberto Rela, Fátima Faria Gomes, Lúcia Elena Thomé e Yasco Kodama, há um relato desse processo de radiação gama ao qual o material



IPEN – Câmera de irradiação. Foto PNIFE/MCTI

danificado pela inundação foi submetido: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34609>

Após a irradiação por cobalto 60, todos os itens puderam ser manuseados, higienizados e descritos sem a preocupação de qualquer malefício à saúde da equipe envolvida na salvaguarda desse acervo, além da vantagem do tratamento não gerar resíduos, garantindo eficácia e confiabilidade.

Desde então, o Laboratório de Conservação e Restauro do IEB realiza os relatórios de avaliações de novas ofertas de doação ou compra de acervos, indicando, quando necessário, o tratamento com radiação ionizante por cobalto 60 no irradiador multipropósito do Ceter/IPEN. Nesse sentido, ressaltamos a importância da parceria realizada com o IPEN, que através do dr. Pablo Vasquez, coordenador do irradiador multipropósito, nos fornece todas as orientações técnicas e o suporte necessário para o tratamento curativo adequadamente, garantindo a segurança dos profissionais e assegurando a preservação dos bens culturais. Agradecemos ao IPEN e especialmente ao dr. Pablo Vasquez e sua equipe, que sempre nos atendem com todo o profissionalismo e respeito, colaborando para a solução de problemas relacionados à preservação do nosso valioso patrimônio cultural.

O Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)

Fundado em 1956 como Instituto de Ener-

gia Atômica por meio de um convênio entre o Conselho Nacional de Pesquisas, atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e a Universidade de São Paulo (USP), o IPEN é uma autarquia vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) do governo do estado de São Paulo e gerida técnica e administrativamente pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) do governo federal.

A missão do IPEN é produzir conhecimentos científicos, desenvolver tecnologias, gerar produtos e serviços de maneira segura, além de formar recursos humanos nas áreas nuclear e correlatas. O Centro de Tecnologia das Radiações (Ceter/IPEN) é pioneiro nas atividades voltadas para aplicações de tecnologia das radiações no país e possui um histórico de realizações importantes nos mais diversos segmentos das indústrias, da saúde, do meio ambiente e na preservação de bens culturais.

Agosto marca o 67º aniversário de fundação do IPEN. Desejamos sucesso nas pesquisas desenvolvidas e que novas parcerias seja estabelecidas visando à preservação dos bens culturais.

Mônica Ap. Guilherme da Silva Bento
Supervisora técnica do Laboratório de Conservação e Restauro – IEB/USP
<https://orcid.org/0000-0002-1446-4848>

[acervo)



Reunião de equipe para alinhamento de procedimentos. Foto: equipe do Projeto PMCA

O Projeto Manuel Correia de Andrade e a conservação como construção coletiva

O Projeto Manuel Correia de Andrade reúne um conjunto de ações de preservação do acervo com o mesmo nome, doado pela família do acadêmico pernambucano ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), por meio do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) do Ministério da Cultura,

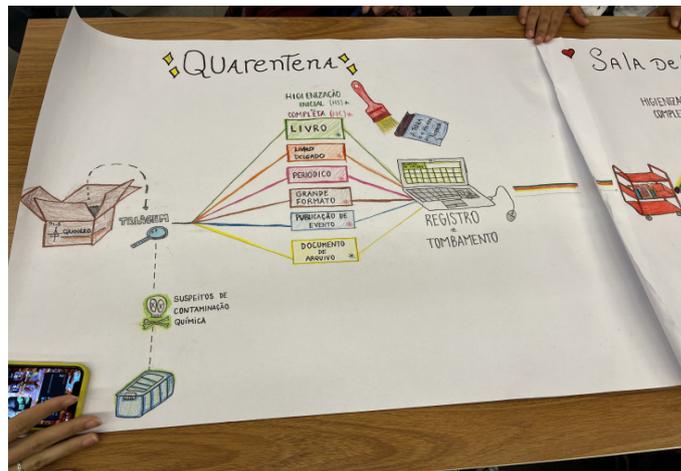
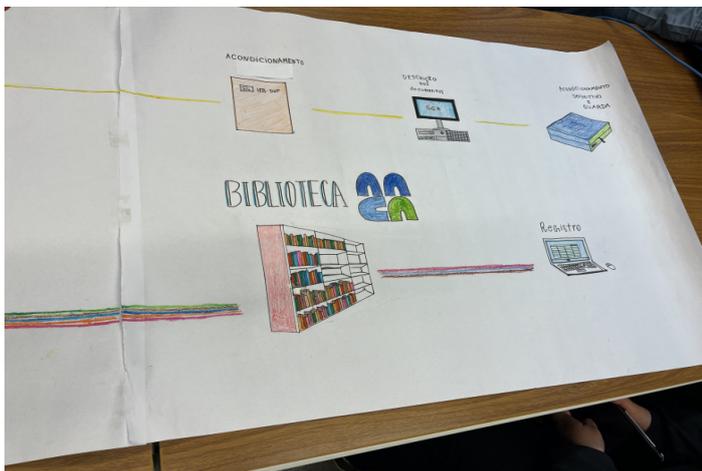
o projeto, iniciado em 2022 – com duração prevista de 30 meses – e desenvolvido na sede do IEB, visa garantir amplo acesso ao acervo e contempla: higienização; catalogação; criação de uma coleção digital para compartilhamento em rede; oficinas, webinars e seminários e desenvolvimento de software de uso livre com a terminologia de conservação de acervos em papel. Estão previstas, também, ações de extroversão e registro escrito e fotográfico para publicação.

Este é um breve relato do tratamento de conservação do acervo Manuel Correia de Andrade realizado por uma equipe técnica formada por sete estudantes estagiários, oito assistentes de conservação, um administrador e dois coordenadores técnicos. O projeto conta com a coordenação do professor Alexandre de Freitas Barbosa, a vice-coordenação do professor Jaime Oliva, ambos do IEB, e com uma comissão acadêmica formada por

docentes da USP, da Fundação Joaquim Nabuco e da Cátedra Manuel Correia de Andrade da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Quando falamos em conservação de livros e documentos, falamos principalmente da sua materialidade. Uma dificuldade importante no tratamento de um acervo dessa escala, cerca de 70 mil itens, é a variedade material e cronológica de encadernações, suportes e elementos sustentados, além das alterações produzidas pela exposição aos agentes de deterioração, algumas imediatas e outras lentas e discretas.

O acervo esteve exposto a vários desses agentes: forças físicas, pragas, temperatura elevada, umidade relativa elevada, poluentes, radiação ionizante e contaminantes químicos. A mitigação de danos é obviamente muito mais complexa e custosa do que as ações preventivas, sem mencionar a perda da integridade



Desenho dos fluxos de trabalho. Foto: Divulgação Projeto PMCA

e do valor do bem cultural. A conservação preventiva exige planejamento e abrange rotinas que envolvem higienização, inspeção, documentação e controle ambiental.

Por ser um projeto em desenvolvimento, com duração limitada e com equipe externa à instituição, é importante pensar também na continuidade das ações realizadas e no aproveitamento dos conhecimentos adquiridos através dessas ações. Do mesmo modo, a estratégia de difusão do projeto e extroversão do acervo através de seminários, IEBinários, cursos e de publicações em websites e mídias sociais, tem o objetivo de disponibilizar informação e conteúdo sobre o processo de transformação de um acervo privado em bem público e sobre as potencialidades de pesquisa que este oferece.

A constituição da equipe do projeto priorizou a diversidade de formações e experiências individuais e a interdisciplinaridade. Os fluxos de trabalho, as ferramentas e os protocolos de conservação e segurança foram discutidos e elaborados conjuntamente pela equipe técnica, além do plano de gestão de riscos dessa coleção. Buscamos exercitar a capacidade de observação do ambiente, do acervo e das próprias ações individuais, e os resultados têm mostrado a evolução dos procedimentos de trabalho, constantemente revisados e aprimorados. A conservação, na prática, é uma atividade multidisciplinar, mas é, principalmente, uma construção coletiva.

Para saber mais sobre o acervo: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/97701>

Para saber mais sobre o Projeto: <https://sites.usp.br/pmca/>

Para saber mais sobre o Seminário "O Brasil de Manuel Correia de Andrade: interpretações, diálogos e acervos", que acontecerá de 26 a 29 de setembro no IEB: <https://bit.ly/SeminarioMCA>

Caetana Britto
Conservadora-restauradora
<https://orcid.org/0000-0002-1010-9953>

Leandro Melo
Conservador-restaurador
<https://orcid.org/0009-0004-0068-3881>

Coordenadores técnicos
Projeto Manuel Correia de Andrade

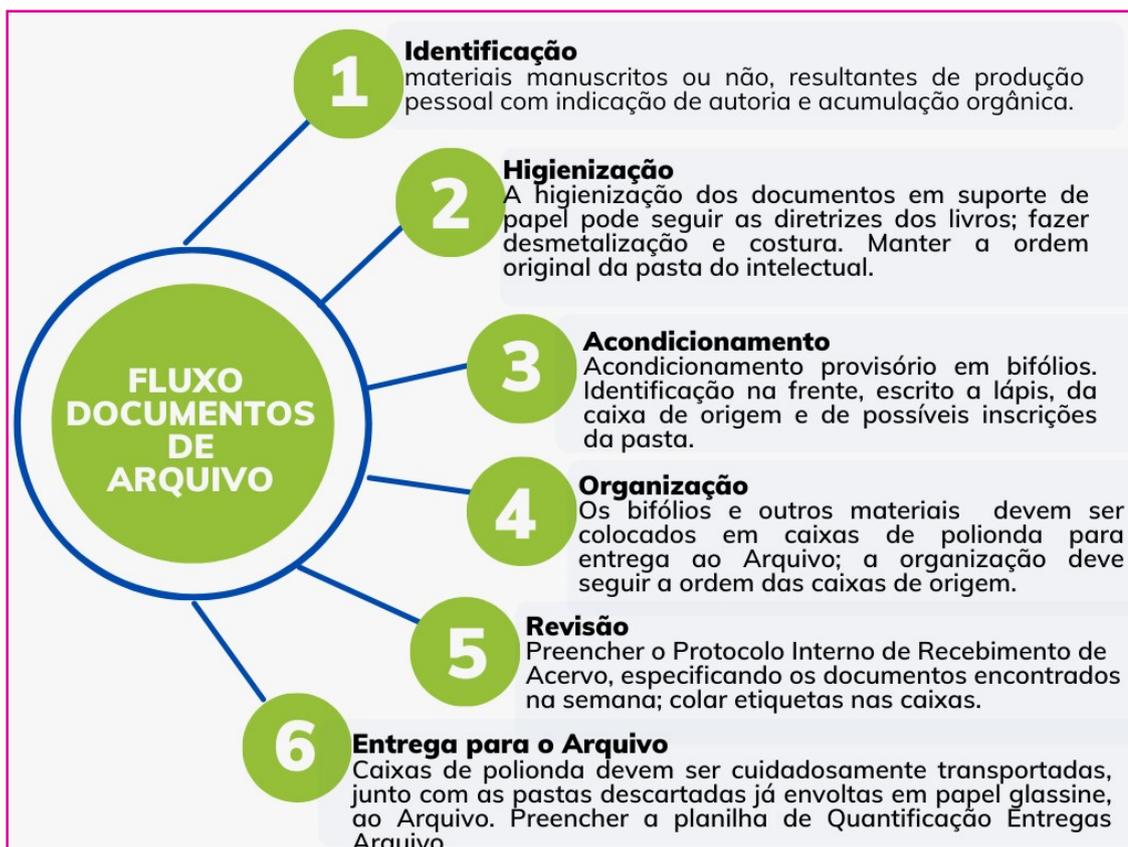


Diagrama do fluxo de trabalho

[curso)



Participantes do curso em frente ao Museu Paulista. Foto: Tatiane Sayuri Ogawa

Edição de inverno do Curso de Formação Básica do Arquivo IEB/USP: um convite para novos lugares e novos olhares

Durante as duas primeiras semanas de julho deste ano, o Arquivo IEB/USP realizou a edição de inverno de seu já tradicional Curso de Formação Básica. Tendo como um de seus objetivos centrais o tema da memória e do patrimônio cultural, dentro e fora das instituições de guarda, o curso foi dividido em duas frentes, que consistiram em aulas teóricas, realizadas no nosso Instituto, e em passeios culturais, que percorreram parte da cidade de São Paulo. De forma inédita, as atividades para além dos espaços do IEB buscaram aguçar e sensibilizar os olhares dos participantes da edição para seu entorno.

Norteou nossos objetivos, o pensamento do escritor Luiz Antonio Simas, que, em *O corpo encantado das ruas* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2019, p. 19),

diz: “as ruas são como arquivos, verdadeiras bibliotecas da história”. Isso, de fato, pôde ser vivenciado pelos alunos ao longo do curso, não apenas pelas discussões suscitadas nas aulas teóricas, mas sobretudo pelo passeio guiado pelos pontos de memória do povo preto no centro da capital paulista. Além disso, destaca-se também a visita ao Arquivo Histórico Municipal de São Paulo conduzida pela equipe de educadores da instituição. Nas duas atividades culturais foi possível aos alunos reconhecer na materialidade da cidade – nas estátuas que a compõem e na arquitetura que a adorna – sussurros de vidas que ali perpassaram e habitaram, e que têm se transformado em falas potentes com o trabalho daqueles que se dedicam à preservação e divulgação da memória.

Além disso, Simas foi referência crucial para outro fio condutor dos encontros do curso: o de que as pessoas não são objetos da história, mas sim sujeitos dela. Tal pensamento tornou-se bastante sólido nas aulas sobre conservação preventiva de documentos em papel e de fotografias, ministradas, respectivamente, pelas restauradoras Marlene Laky e Luciana Amaral, nossas professoras convidadas. Esse mesmo conceito permeou a aula

sobre arquivos pessoais, comandada por uma das organizadoras do curso, Elisabete Marin Ribas, e o encontro dedicado à filologia e leitura de documentos, conduzido pela professora Vanessa Martins do Monte. Durante as apresentações, os alunos puderam perceber como as fotografias, as cartas e todos os demais documentos, mais do que uma evidência material de uma informação tangível, carregam inerentemente em suas constituições toda uma carga de sentimentos, significados e tradições. A aparentemente simples disposição das fotos em um álbum de família, por exemplo, pode remeter à carga informacional dos laços que unem os documentos à memória de um ente querido.

Em suma, no contato com os registros materiais, é possível trazer à luz histórias de fatos e de pessoas, sendo que, no caso dessas últimas, o esforço de nomeá-las torna-se, cada vez mais, fundamental, pois se sabe que, por muito tempo, diversas memórias foram relegadas à margem das narrativas hegemônicas. Lembrar e nomear cada pessoa permite mantê-la viva e ativa na consolidação de uma história que precisa ser contada. Além do historiador Luiz Antônio Simas, outros autores vêm à tona na elaboração deste texto, como Melodie J. Fox, Daniel Martínez-Ávila e Suellen Oliveira Milani, que, em “A interseccionalidade e o respeito às pessoas na organização do conhecimento” – texto publicado em *Informação, conhecimento e modelos* (Campinas, Unicamp/Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência; Marília: Oficina Universitária, 2017), organizado por Marcos Antonio Alves, Maria Claudia Cabrini Grácio e Daniel Martínez-Ávila –, demonstram que é a interação entre fatores sociais o que define uma pessoa. O conceito de interseccionalidade se tornou importante para as ciências sociais em geral e também para a análise de documentos de acervos pessoais.

No contato estabelecido em cada atividade realizada, foi possível ampliar nossa reflexão sobre inclusão e diversidade, sejam elas relativas ao público frequentador de espaços de guarda de documentos ou ao conteúdo dos acervos ali armazenados. Tal pensamento nos inspira para a necessária – e diária – luta



Palestra de Sergio Burgi e Thyago Nogueira no IMS. Foto: Tatiane Sayuri Ogawa (2023)

pela democratização do acesso a nossas heranças histórico-culturais. E tudo isso se concretiza por meio do nosso empenho na preservação e divulgação documental. Essa dedicação pôde ser observada, de uma maneira ou de outra, nos museus que compuseram o roteiro do curso: no Instituto Moreira Salles (IMS), que, ao pensar nas crianças, decidiu expor as obras em uma altura que lhes possibilitasse melhor apreciá-las; no Museu de Arte de São Paulo (Masp), por valorizar a exposição de diferentes expressões culturais; e no Museu Paulista, por iniciar um movimento interno de instalações acessíveis, como tábuas táteis e elevadores.

Enfim, com o curso, os alunos puderam constatar aquilo que Jules Michelet, citado por Buno Delmas em *Arquivos para quê?* (São Paulo, IFHC, 2010, p. 11), sabiamente disse em 1833: “Quando penetrei pela primeira vez nessas catacumbas manuscritas, nessa necrópole de monumentos nacionais, teria dito de bom grado [...] ‘eis a morada que escolhi e o meu descanso eterno’. Não tardei, porém, a perceber, no silêncio aparente dessas galerias, que havia um movimento, um murmúrio, algo que não pertencia à morte. Esses papéis, esses pergaminhos deixados ali há muito tempo nada pediam a não ser a possibilidade de rever a luz do dia. Esses papéis não são papéis, e sim vidas de homens, de países, de povos” .

E assim, como a história é escrita por muitas pessoas, a realização do curso contou com o apoio fundamental de um grupo entusiasmado. Registramos nossos agradecimentos à direção do

IEB, nas professoras Sônia Salzstein e Monica Duarte Dantas, e à supervisora técnica do Arquivo do IEB, Dina Elisabete Uliana. Também gostaríamos de registrar nossos agradecimentos às instituições parceiras e suas equipes de

profissionais, que prontamente nos receberam: Instituto Moreira Salles (IMS), Caminhos do Triângulo, Museu de Arte de São Paulo (Masp), Arquivo Histórico Municipal de São Paulo e Museu Paulista; às professoras convidadas, que se dispuseram a auxiliar na construção do nosso curso; e, por fim, mas não menos importante, aos participantes, que aceitaram nosso convite e se entregaram à experiência. Foi pelo envolvimento e dedicação de todas essas pessoas que, por meio de novos lugares – sejam eles físicos, nos passeios, sejam eles teóricos, por meio das aulas –, tornou-se possível ampliarmos nossas reflexões e, sobretudo, a percepção de nossos olhares.

Elisabete Marin Ribas
Arquivo IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-8918-8676>

Letícia Cescon da Rosa
Estagiária – Arquivo IEB/USP

<https://orcid.org/0009-0000-8159-2463>

Tatiane Sayuri Ogawa
Estagiária – Arquivo IEB/USP

<https://orcid.org/0009-0009-2830-1765>



Passeio pelo centro da cidade de São Paulo. Foto: Tatiane Sayuri Ogawa

[educativo)



Aline Ulrich (FPMSC – à esq.) e Elly Rozo Ferrari (IEB/USP) – 7ª Semana Nacional de Arquivos. Foto: Fundação Pró-Memória de São Carlos

Atividades de extensão do Educativo do IEB

No primeiro semestre de 2023, o Educativo do IEB teve a oportunidade de apresentar, no 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória, Corpo, Mundo – realizado de 13 a 15 de junho na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP) e promovido pela Associação Brasileira de História Oral –, o trabalho “O uso da história oral nas práticas formativas do Estágio para as Licenciaturas do Educativo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP”, em que foram apontadas considerações acerca das atividades de práticas formativas – do Programa Estágio para as Licenciaturas –

em que são utilizados aspectos da história oral para a compreensão do universo dos acervos pessoais do Instituto. Para ler o artigo, acesse:

<https://doity.com.br/anais/memoriacorpomundo/trabalho/293156>

Foi também realizada, no dia 6 de junho, a palestra “A licenciatura e a escrita de si” na 7ª Semana Nacional de Arquivos a convite da Fundação Pró-Memória de São Carlos (FPMSC) – SP. Nessa oportunidade, dada a semelhança das estruturas da Fundação e do IEB (Arquivo, Biblioteca e, no caso deles, Museu), foram discutidas questões sobre a área técnica especializada em instituições cuja missão é a salvaguarda de acervos. Conversamos sobre as políticas públicas e memória e como isso impacta o corpo profissional tanto quanto as relações com a comunidade.

Numa ação mais ampla, trocamos ideias com o professor doutor Eder Carlos Zucolotto, diretor da Escola Municipal de

Jovens e Adultos (Emeja) Austero Manjeron, de São Carlos, sobre ações educativas significativas com os profissionais da área.

Como prosseguimento da 7ª Semana Nacional de Arquivos, houve apresentações dos funcionários da FPMSC, tendo a escrita de si como exercício criativo identitário, na oficina literária regida pela documentalista/arquivista da mesma instituição Aline Ulrich.

Ainda nesse período, foi oferecida no IEB a oficina “A cor: conversas sobre tinta e arte” para o Programa USP60+, promovido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), em que abordamos aspectos sobre o conhecimento da cor através dos tempos, seu desenvolvimento tecnológico e a utilização desses recursos pela arte.

Elly Rozo Ferrari
Educativa – Arquivo IEB/USP
<https://orcid.org/0000-0002-1697-4796>